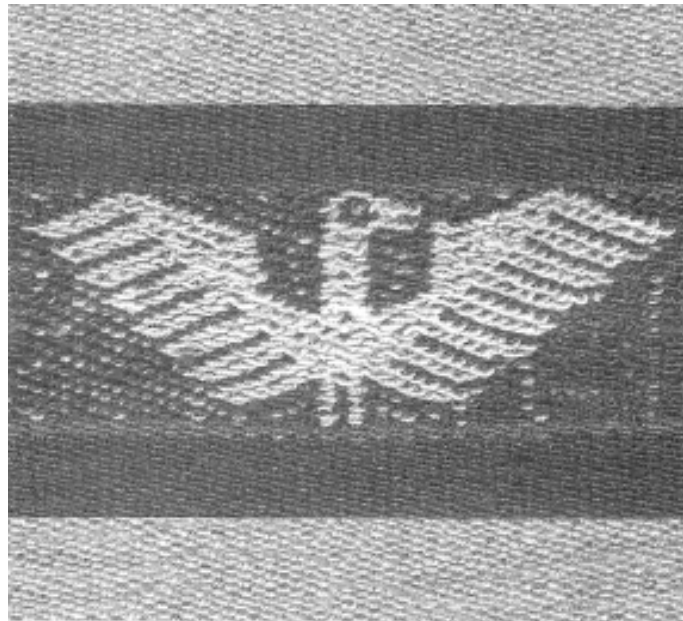




O mundo é amplo e alheio
Dos Andes a São Paulo

Albino Ruiz Lazo



Dos Andes a São Paulo 03

Bom Retiro dos Imigrantes 15



**Instituto Fernand Braudel de
Economia Mundial**

Associado à Fundação
Armando Alvares Penteado
Rua Ceará, 2 – 01243-010
São Paulo, SP – Brasil
Tel.: 11 3824-9633
e-mail: ifbe@braudel.org.br
www.braudel.org.br

Presidente honorário: Rubens Ricupero

Conselho Diretor: Francisco Gros (Presidente), Marcello Resende Allain (Vice-Presidente), Paulo Andreoli, Hélio de Lima Carvalho, José Luiz Pereira da Costa Dias, Eduardo Giannetti da Fonseca, Roberto Giannetti da Fonseca, Antônio Corrêa de Lacerda, Arnim Lore, Idel Metzger, Charles B. Neilson, Luís Carlos Bresser Pereira, John Schulz, Luiza Erundina de Sousa, Beno Suchodolski, Joaquim Elói Cirne de Toledo, David Thomas, Maarten Albert Waelkens e Paulo Yokota.

Diretor Executivo: Norman Gall

Coordenador: Nilson Oliveira

Patrocinadores:

ABN - Amro-Bank | Alcan | Alstom
Banco Lloyds | Bradesco | Brascan | Brasmotor
Editora Abril | Enron | Ericsson
General Electric Foundation | Icatu Holding
Itaú | Klabin | Natura | *O Estado de S. Paulo*
Philips | Pirelli | Safra - Projeto Cultural
Siemens | Souza Cruz | Voith

Braudel Papers é publicado pelo Instituto
Fernand Braudel de Economia Mundial

ISSN: 1981-6502

Editor: Norman Gall
Editor Assistente: Nilson Oliveira
Versão online: Emily Attarian
Layout por Emily Attarian

Copyright 2001 Instituto Fernand
Braudel de Economia Mundial

BRAUDEL PAPERS

03 Dos Andes a São Paulo (Albino Ruiz Lazo)

“Meu nascimento, num domingo escuro e chuvoso de dezembro de 1955, paralisou a linha telegráfica entre as povoações da orla...”

- 03 Novas Oportunidades
- 05 Migrações e Adaptação
- 06 Oriundos de Cusco
- 08 Os Filhos de Kyrio
- 08 O Mundo das Confecções
- 11 Os Domingos na Praça Parí
- 12 Trabalhando como Chineses
- 13 O Opaco Adorno Coreano-Boliviano

15 Bom Retiro dos Imigrantes (Bernardo Ricupero)


“Juó Bananére nunca existiu. Mesmo assim, escreveu um dos mais ricos e reveladores retratos da São Paulo do início do século que se...”

Braudel Papers é uma publicação do Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial com o especial apoio da **The Tinker Foundation**, **KM Distribuidora** e *O Estado de S. Paulo*

O mundo é amplo e alheio

Dos Andes a São Paulo

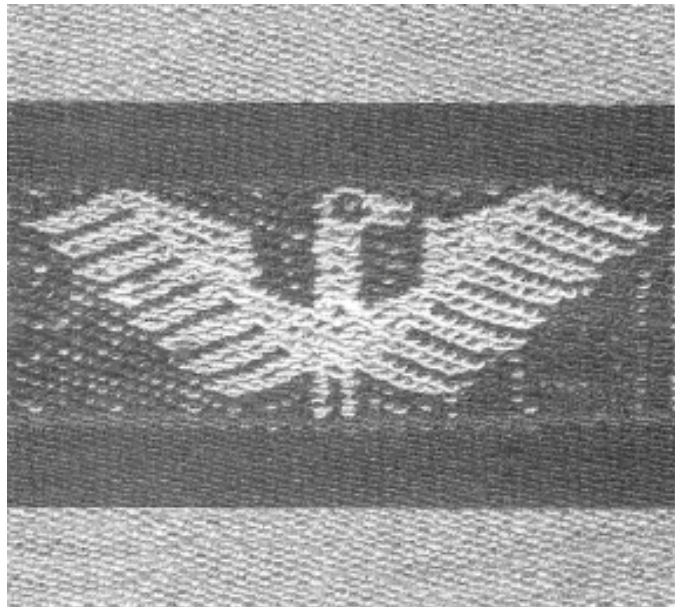
Albino Ruiz Lazo



Meu nascimento, num domingo escuro e chuvoso de dezembro de 1955, paralisou a linha telegráfica entre as povoações da orla do Lago Titikaka no altiplano peruano. A única pessoa capaz de ajudar minha mãe era uma velha parteira cega que vivia numa choça nas alturas do povoação de Acora. A manhã já ia pela metade quando trouxeram-na até à agência dos Correios e Telégrafos, onde minha mãe trabalhava como telegrafista. Ela avisou que já estava com as dores de parto aos seus colegas de trabalho das agências ao longo da estrada que liga a cidade de Puno com a Bolívia. Os outros telegrafistas mantiveram a linha aberta, atentos a um eventual veículo na estrada para Puno, 30 quilômetros ao norte, no caso do parto se complicar.

Os telegrafistas da rede nacional difundiam as notícias dos povoados e também as mundiais. Diariamente transmitiam as manchetes dos principais jornais que chegavam aos povoados do altiplano, notícias da política, dos times de futebol e a sorte das quarteladas. Os radinhos transistorizados japoneses, já no mercado mundial, ainda nem haviam chegado às aldeias dos Andes. Nasci nessa agência que participava das mutações que o país viveu até que as mudanças apagaram de vez com os milhares de postes e cabos da rede telegráfica em todo o país.

A varinha mágica das mudanças se moveu muito rapidamente, conectando comunidades isoladas do resto do mundo, liberando os camponeses da servidão e da ignorância. As mudanças vieram com novos caminhos, novas escolas, novos combustíveis, eletricidade, transporte por



ônibus, caminhão e avião, telefones com discagem direta, rádio, televisão e, recentemente, cabinas públicas da Internet.

Novas Oportunidades

A proliferação de escolas secundárias depois da reforma agrária nos anos 70 lançou a juventude para as cidades para seguirem estudos universitários. Com novas oportunidades produzidas pelas mudanças, se dispersou a avassalada massa indígena que acudia às agências do telégrafo para receber remédios e lenitivos que a minha mãe repartia. Quando voltei a Acora, muitos anos mais tarde, só restavam os velhos. Me trataram como um estranho, dizendo que falo e me visto como um gringo, que fiquei muitos anos fora sem nada fazer pelo povoado.

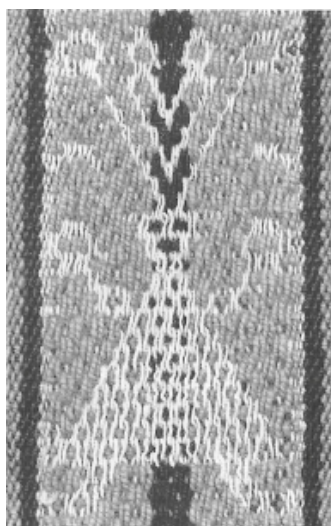
Oswaldo Curo, nasceu em 1971 em Capachica, no outro lado do Lago Titikaka. Eu o conheci em São Paulo, numa madrugada de agosto do ano 2000, buscando um lugar para vender um lote de brincos, entre uma multidão de silhuetas fantasmagóricas atulhando a Rua 25 de Março, no tumultuado comércio de rua próximo ao antigo



centro financeiro de São Paulo. Lá chineses, coreanos, argentinos, chilenos, romenos, angolanos, equatorianos e peruanos, junto com vociferantes nordestinos brasileiros vendem no atacado produtos de toda procedência até às 8 da manhã, hora em que começam a chegar os inquilinos dos pontos de venda de rua autorizados somente para desvalidos, que devem pagar 400 reais por semana, ou aparece a “rapa” dos inspetores da prefeitura, alertados pelos deficientes na defesa de seus direitos adquiridos.

Oswaldo vive e produz bijuteria com uma mulata de Minas Gerais, no Quarto No. 217 do Hotel Itauna, que hospeda os peruanos de Cusco em S. Paulo. Já viveu três de seus 29 anos no Brasil, depois de abandonar os estudos, na Universidade Adventista de Lima, por falta de dinheiro, seguindo um forte impulso. “Eu tinha 10 anos quando saí pela primeira vez do meu povoado numa excursão escolar para ver o mar em Arequipa”, disse. “Eu não entendia bem o castelhano e não sabia o que responder quando alguém falava comigo. No meu povoado só se falava o Quíchua. Nas férias escolares seguintes voltei pôr minha própria conta, trabalhei como sorveteiro; era bom para conhecer a cidade. Me davam comida e eu podia dormir num aposento na fábrica do patrão. Eu sempre quis sair. Estava dentro de mim e porisso fui estudar em Lima e agora estou aqui.”

A porta do Hotel Itauna se abre para a Avenida Rio Branco. O hotel lança um cheiro de mofo e pó que vem desde o alto das escadaria que conduz aos pisos superiores. Portas, grades e guarnições de um verde esmaecido salpicam de cor quatro dos cinco andares. Corredores laterais longos à meia luz interligam as 17 habitações por piso cujas portas permanecem entreabertas na maior parte do dia exalando odores de sabão,



comida, suor e lã de animal. Algumas crianças brincam muito perto da suas portas e em algum lugar o choro de um bebezinho se mistura com a música cusquenha reproduzida em fitas cassete. Sobre o piso dos quartos, pilhas de tecidos de alpaca organizados por dúzias, luvas, gorros, chulllos peruanos, e bolsas de procedência irreconhecível. Rentes às paredes, desde o teto, armações de metal sustendo ganchos nos quais há centenas de pulseiras e gargantilhas de toda cor e forma, procedentes do Peru, Equador, Paraguai, Brasil e Bolívia. Estantes de vidro com uma variedade de peças e suprimentos para bijuteria e adornos de cerâmica fria para geladeiras. Os quartos do fundo, mais reservados, divididos por cortinas servem de dormitóriooficina.

Camas e colchões empilhados cedem, durante o dia, espaço para a confecção de brincos pelos quais se paga cinco centavos por unidade a um pessoal de confiança. Oswaldo dá trabalho em seu aposento para duas jovens brasileiras que fabricam sob sua direção enfeites semelhantes aos usados pela exuberante Feiticeira da TV. “As meninas adoram usar o que a Feiticeira usa. Cada semana é algo diferente. Tenho de produzir muito depressa”, diz. Os comerciantes chineses em São Paulo rodeiam os peruanos, buscando uma forma de imitar os brincos de Cuzco. “Requer muito trabalho fino manual,” diz René, um cusqueño que vende na 25 de março. “É um produto com o qual os chineses não podem concorrer.”

Os comerciantes mais abastados fazem mezaninos em seus quartos que servem de beliches bem dissimulados ou como armazéns suplementares onde se guarda mercadoria ou colchões a serem estendidos no chão para passar a noite. Durante o dia funcionam como bazares discretos para aprovisionar os



milhares de peruanos, e outros feirantes que vem da rua ou do interior do Brasil. No centro, um corredor central interliga a segunda fiada de habitações e os sanitários, de cujo interior, pelo meio da manhã, respingando água, semi vestidos, sai um hóspede atrás de outro rumo seus aposentos. São os comerciantes atacadistas de volta do voraz mercado que acontece desde as cinco da manhã no mercado livre de São Paulo. O hotel hospeda 350 cusqueños entre seus 80 aposentos.

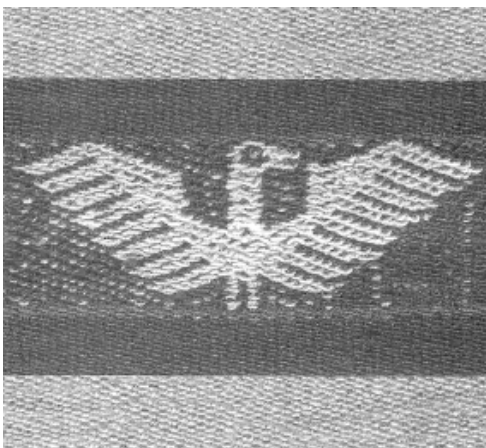
Migrações e Adaptação

Estes cusqueños estão no ápice da onda mundial de migrações. A migração é um dos mais antigos mecanismos da adaptação humana. Desde 70,000 a 100,000 anos atrás, quando os primeiros homens surgiram na África, a migração difundiu a humanidade a todos os continentes do planeta, quase sempre como resposta às crises ecológicas, os conflitos políticos e a novas oportunidades. “A história da América é, num sentido mais amplo, a história da migração”, observa o historiador demográfico Noble David Cook. Onda após onda migratória formaram o povo brasileiro, e especialmente a Cidade Mundial de São Paulo: portugueses, negros, italianos, alemães, judeus, russos, japoneses, coreanos e, agora, se juntam trabalhadores pobres e comerciantes dos países vizinhos da América do Sul. Os novos forasteiros chegam num momento de grande aceleração das migrações em todo o planeta.

Uma pequena fração da população dos países andinos está chegando ao Brasil, mas forma parte da torrente humana que hoje cruza fronteiras de um lado para o outro no mundo. Peruanos, brasileiros e iranianos pululam no Japão, que anda

perdendo população há décadas com uma drástica redução da natalidade. A África do Sul expulsa a cada ano 100,000 de seus milhões de imigrantes não documentados; muitos deles acabam voltando clandestinamente. Os chineses entram na Europa pelos Balcãs, os muçulmanos na Itália via Bósnia em vôos semanais que partem de Istambul e Teerã. No primeiro semestre do ano 2000, o governo da Croácia já capturou 10,000 imigrantes ilegais, comparáveis a 8,000 durante todo o ano de 1999, e procedentes da China, Romênia, Turquia, Bangladesh e outros países. Gangsters e prostitutas da Albânia entram facilmente na Itália para circularem livremente por toda a Europa. Em Junho último, os cadáveres de 58 chineses asfixiados foram encontrados na carroceria fechada de um caminhão em Dover, numa tentativa de ingresso clandestino na Inglaterra. Segundo o *New York Times*, “estas histórias parecem confirmar a crescente preocupação entre diplomatas e funcionários de imigração no ocidente. Crêem que uma sofisticada rede de grande alcance, dedicada ao tráfico de seres humanos desde a Ásia, haja transferido seu objetivo dos Estados Unidos para a Europa.”

Em Nova York, 40% da atual população nasceu fora dos Estados Unidos, em 167 diferentes países e fala 116 línguas. “Sem a imigração, Nova York seria muito diferente, com o abandono de bairros e perda de população,” afirma o sociólogo Philip Kasinitz. As maiores ondas de novos imigrantes vem da Rússia, México, Índia, Paquistão, Bangladesh, República Dominicana e Colômbia. Migrações parecidas chegam a Paris e Londres. Nos Estados Unidos, 12% da força de trabalho se consiste de imigrantes, somando 15,7 milhões de pessoas,



das quais cinco milhões são ilegais. Os Estados Unidos emitem 250,000 vistos de entrada para técnicos estrangeiros em software. Em 1998, no Vale do Silício da Califórnia, 774 empresas eram dirigidas por hindus, outras 2,001 por chineses, empregando juntas 58,282 pessoas e produzindo 17% do total de vendas de alta tecnologia do Vale. O governo de IOWA, no coração agrícola dos Estados Unidos, está ativamente recrutando imigrantes, alarmado por suas perdas demográficas, o envelhecimento de sua população nativa e a emigração dos jovens depois de saírem das escolas. A Itália, com a taxa de natalidade mais baixa de toda a experiência humana, tem mais gente com idades acima dos 60 anos do que abaixo dos 20. É difícil pensar em outra solução para o problema demográfico da Europa Ocidental, com uma taxa de reprodução negativa. Numa reunião de ministros do Interior da União Européia, Jean-Pierre Chevènement, da França, sugeriu que os EUA precisaria de 50 a 75 milhões de imigrantes durante o próximo meio-século para dar conta da necessidade de força de trabalho. A retórica da globalização tende a negligenciar o que politicamente difícil tentando estabelecer distinções legais entre o movimento dos bens e serviços e o das pessoas.

Oriundos de Cusco

No Hotel Itauna, Raul Aquino, natural de Cusco, e Fausto, indígena do Equador, conversam e fazem negócios. De corpo franzino e rosto redondo, uma longa trança que lhe chega até a cintura, típica de seu povoado, Fausto conta que viaja de avião a cada 8 dias para o norte do Equador, até seu povoado, Otabalo, para trazer pulseiras e adornos pessoais com motivos brasileiros que manda produzir ali. Os povos indígenas desta região produzem um artesanato conhecido e muito bem aceito internacionalmente. Assim como Fausto, os otobaleños andam hoje pelo vasto e estranho mundo, colocando sua produção artesanal em todos os mercados imagináveis. Em São Paulo, os otobaleños se hospedam em hotéis de peruanos porque reconhecem neles uma proximidade que lhes permite fazer contatos e conhecer melhor o mercado para promover produtos. São mais baixinhos que os peruanos e tem menos escola, somente até o final do primário.

Raul foi um dos primeiros hospedes peruanos do hotel. “A primeira vez que cheguei em 1995 não éramos nem 5 peruanos hospedados “disse. “Vínhamos por apenas alguns dias. Tínhamos que vender rapidamente a mercadoria trazida e voltar porque ficava muito caro permaneceremos muito

tempo com o cambio desfavorável em dólar. Os que agora vivem no hotel chegaram há pouco”. Raul vive agora num apartamento perto de um grupo flutuante de amigos e parentes. Quase todos completaram a escola secundária, em contraste com a maioria dos adultos brasileiros, bolivianos e equatorianos de sua idade e classe social. Tem 27 anos, olhos amendoados e ombros largos. Está renovando sua documentação de residente para alugar um box no Shopping chinês da “25 de março”. Vem ao hotel para se abastecer de mercadoria. Seu irmão Nacho acaba de regressar ao Peru levando dinheiro para a manutenção de sua mãe e de suas duas irmãs que estudam na universidade de Cusco. Ele está procurando brincos peruanos que estão começando a faltar. “Aqui é muito diferente”, comenta Raul. Se vende de tudo, a uma voracidade consumista especialmente entre as mulheres. Apreciam tudo que se traz, perguntam de onde vem e respeitam nossa diferença. As novidades acabam e é preciso mudar permanentemente de mercadoria.

Exceto aos domingos, o hotel acorda antes da 5 da manhã. Há um resplendor de luz vazando por debaixo das portas e iluminando levemente os corredores. Vozes apagadas, alguns toca-fitas com volume baixo e logo um tropel de pessoas saindo rapidamente carregando enormes pacotes para a obscuridade das ruas rumo ao mercado livre da madrugada paulista. Chegam em grupos para se protegerem contra roubos, e voltam quando podem. Estão muito prevenidos contra assaltos desde que bandidos invadiram o hotel em julho, roubaram mercadorias e levaram dinheiro que os comerciantes guardavam em espécie por não poder abrir legalmente contas em banco.

Nos últimos anos não menos que 50 mil peruanos, na maioria de Cusco, tem chegado ao Brasil para ficar ou por temporadas. Por isso percorrem feiras, praias e mercados do interior, e fazem de São Paulo o centro de suas operações.

Vivem em apartamentos alugados ou comprados em prédios do centro, com melhores condições do que no hotel. Dizem jamais ter visitado uma favela. Uma média de 10 pessoas compartilham os apartamentos assumindo cada uma o custo da moradia ligados por um núcleo ao redor do qual vão agregando os familiares, se juntam outras famílias ou amigos e membros do grupo. Os de fala espanhola e os brasileiros vendem e compram mercadoria um dos outros para levar a seus lugares de origem. Os peruanos vendem de 3 maneiras : os viajantes se abastecem dos atacadistas por um preço base. Vendem também diretamente na “25” um pouco

mais caro. Os varejistas se abastecem a qualquer hora no hotel com pagamento a vista ou crédito garantido por um fiador ou pela própria trajetória comercial.

Há peruanos de todas as partes, alguns chegaram a fazer fortuna como Dario, natural de Huancayo nos Andes Centrais, o rei dos enfeites para geladeira, pequenas frutas de cerâmica que encantam as donas de casa. Chegou ao Brasil como traficante de teses universitárias de graduação para vendê-las em Universidades do Brasil no Peru ou Bolívia. Descobriu os enfeites de geladeira feitos artesanalmente no Peru podendo ser vendidos no Brasil por serem muito baratos, e de qualidade superior aos produzidos aqui e pelos asiáticos. Se dedicou a trazer tais enfeites de geladeira do Peru em longas viagens por terra.

Quando o real foi desvalorizado frente ao dólar, encontrou uma saída de mestre que eliminava o custo de trazê-los e a concorrência: fabricá-los no Brasil.

Localizou no cinturão de miséria de Lima as mãos mais hábeis que produziam a cerâmica a frio. Descobriu também que era um dos componentes de origem peruana que dava a qualidade e viscosidade ao artesanato. Trouxe ambas e começou a produção massiva numa oficina no fundo de uma casa no bairro da Casa Verde.

Rapidamente absorveu a demanda do mercado. Instalou outras oficinas clandestinas e construiu uma plataforma comercial para dominar o mercado. Hoje Dario disse que está se preparando para entrar em outros mercados no exterior. Voltou ao Peru para montar em Vitarte, um dos distritos de Lima com maior desemprego, uma fábrica com dezenas de trabalhadores com a vantagem de também controlar o mercado local. Sente que o mercado vai se fechando. Calculados em dólares, seus lucros já não são como antes.

Os peruanos em São Paulo protegem suas casas com os sistema de segurança comuns na cidade. Tele vigias nos corredores e elevadores conectados a um sinal de cabo que lhes permite observar o que acontece no exterior de suas casas atulhadas por pilhas de caixas, mercadorias, maletas, e colchões amontoados.

Para chegar aos pequenos paraísos o titular tem de superar os requisitos de renda. Uma fiança equivalente a vários meses de aluguel, renda de 3 meses adiantados, documentos em ordem, fiador e comprovantes de ingressos econômicos.

A presença dos cusquinhos no Brasil obedece a diferentes fatores. Cusco foi lançado como destino turístico mundial nos últimos 30 anos

com a construção de um aeroporto internacional e recentemente a pavimentação da estrada até La Paz. Imediatamente depois de controlada a epidemia de cólera e a guerra subversiva, o fluxo turístico aumentou 5 vezes nos últimos 4 anos até chegar a um milhão de turistas em 1999, um volume jamais visto. Cusco é agora uma das cidades que exhibe um turismo mundial do qual os artesãos tiraram insuspeito proveito fazendo reviver, como nos tempos da colônia, incontáveis oficinas de trabalho artesanais e o antigo corredor até a Bolívia.

Migração é um costume antigo do povo andino. Pelas tradições incas era comum transferirem-se comunidades inteiras para trabalhar na construção de novas localidades. Soldados eram enviados para castigar ou controlar povos conquistados. No tempo da colonização espanhola camponeses migravam de suas comunidades para escapar do trabalho forçado nas minas. Comerciantes indígenas transitavam pelos vales e montanhas. Em 1680, quase a metade da população de Cuzco era de migrantes que trabalhavam como arrieiros, artesãos, comerciantes e empregados domésticos. Com a modernização e a urbanização multiplicaram-se as migrações.

Na Colônia os indígenas migraram de suas comunidades para fugir do trabalho forçado das minas. Em 1680, quase a metade da população da cidade de Cusco era de migrantes que trabalhavam como arrelheiros, artesãos, comerciantes e serviços domésticos. Com a modernização e a urbanização, as migrações se multiplicaram.

Com a ascensão do turismo chegaram os comerciantes internacionais de artesanato despertando a febre de produção em série de brincos e colares com incrustações de pedras brasileiras. “O Gringo Jeff montou uma fábrica reunindo 100 artesãos”, recorda Raul Aquino. “Nos faziam trabalhar dia e noite, exigindo-nos cada vez mais produção. Nos pagava 10 dólares por semana para produzir 100 pares de brincos. Montei meu próprio ateliê quando apareceram compradores diretos. Um dia nos disseram que o mercado estava saturado e não nos pagaram a mercadoria que havíamos entregue. Tinha 4000 pares de brincos e muitas dívidas. Vim para o Brasil para vender diretamente. Os vendedores de pedras me disseram que havia bom mercado”.

Quando a recessão que vive o Peru piorou, milhares de cusquinhos saíram em busca do mercado no Brasil. Passando obrigatoriamente pelo Titikaka incorporaram as suas mercadorias os toscos tecidos de alpaca que os gringos gostavam de comprar.

Descobriram que fazia furor entre as mulatas de São Paulo para se agasalharem elegantemente no curto inverno paulista. Chullos indígenas (gorros de lã cobrindo as orelhas), de uso extinto no Peru, saem das estações do metrô de São Paulo nas cabeças de compradores orgulhosos.

Entre outros peruanos Raúl havia alugado por 6500 reais um dos 150 boxes de 2x2 metros no nível intermediário da estação central do metrô da Praça da Sé por onde passam diariamente 2 dos 17 milhões de pessoas que vivem na grande São Paulo, 17 vezes mais que o milhão de turistas que chegam ao Peru em um ano. A grande São Paulo concentra 20 % do produto interno bruto do Brasil, quase 2 vezes o tamanho das economias do Peru e da Bolívia juntas.

Os Filhos de Kyrio

Antes dos peruanos e bolivianos, chegaram os coreanos. Tjitjalenka era o nome do navio que trouxe oficialmente em 1963, cumprindo um cordo entre Brasília e Seul, a primeira centena de famílias coreanas desde as terras distantes do antigo reino de Kyrio que conhecemos como Coréia, rompendo com este envio uma longa tradição de repulsa aos emigrantes. A falta de trabalho que sofriam na Coréia do Sul os que haviam fugido da Coréia do Norte e a tremenda crise econômica após a divisão das Coreias há 50 anos levou o governo de Seul a financiar a emigração para o Brasil com objetivos econômicos e políticos muito precisos: controlar o crescimento demográfico, aliviar o desemprego, obter moeda firme que os emigrantes enviariam e ganhar aliados no mundo não comunista.

O financiamento aos grupos seguintes foi cortado devido a múltiplos conflitos essencialmente porque os emigrantes tinham uma idéia diferente. Não queriam manter laços com a Coréia. Sua partida era para eles uma saída definitiva e total. Chegaram com a idéia de se converterem em fazendeiros. Eram militares, gente das classes médias instruídas e alguns até das classes altas. Fracassaram. Tentaram conseguir trabalho em São Paulo. Poucos o conseguiram. Deram então de sair às ruas para vender lenços e camisas asiáticas de porta em porta.

“O êxito foi imediato” recorda Mu Kon Kim um velho pastor evangélico. “A maioria dos

coreanos são cristãos de várias igrejas. Antes era muito fácil saber o que estavam fazendo todos eles. Viviam quase todos na Vila Coreana no bairro da Liberdade. Quando perceberam que a venda de rua dava bom resultado todos fizeram o mesmo”. A venda de porta em porta lhes deu conhecimento da cidade e de suas necessidades, o que impulsionou os 3 Kim pioneiros, Soon San Kim, In Bae Kim e Su Hoom Kim a se iniciarem no mundo das confecções. Somente os mais velhos se lembram que foi o palpito, a calculada decisão Soon San Kim que o levou a comprar a prazo uma máquina de costura doméstica para fazer em sua casa, até muito tarde da noite, as mantas e lenços que vendiam na manhã seguinte ganhando de 10 a 12 vezes o custo de produzi-los. Os outros Kim, In Bae e Su o secundaram com êxito.

A aventura dos 3 pioneiros contagiou os demais coreanos. Logo, em todas as casas, uma atividade febril envolveu as famílias. A época de abundância que vivia o Brasil absorvia uma venda cada dia maior da produção conseguida nas rudimentares oficinas ocultas entre as casas do entorno dos bairros do centro. Máquinas domésticas compradas a prestações eram tudo o que tinham. O corte era feito com tesouras, por gente de joelhos com o tecido estendido no chão.

Quando a demanda por costura chegou a níveis de espanto os confeccionistas já não podiam controlar todos os processos pois não lhes sobrava tempo nem para comer. Cosiam dia e noite quase a ponto de desmaiar.

Numa viagem triangular desde o Paraguai novos grupos de coreanos ingressavam cada dia pelas fronteiras com a Bolívia. Aqueles que cresciam na indústria das confecções não tiveram dúvidas em utilizar o medo dos ilegais serem expulsos para submetê-los a um sistema de trabalho escravo nas oficinas ocultas da chamada Vila Coreana. Agiam escondidos, com janelas fechadas, ocultando as crianças para que suas presenças não os denunciassem.

Temiam cada carro de polícia com a idéia de que vinha buscá-los. Quando se lhes deu a anistia em 1992 centenas de lojas atacadistas haviam florescido no Brás e Bom Retiro.

O Mundo das Confecções

Inocultável, a prosperidade gerada nas oficinas informais levaram os mais ricos,



desde 1975, a mudarem-se dos bairros populares do Brás, Bom Retiro, Pari e Liberdade para o mais afluyente bairro da Aclimação. Mas o Brás e a Móoca continuaram como sua zona de operações no mundo das confecções.

Antes da anistia de 1982, haviam florescido comerciantes atacadistas que eram abastecidos por oficinas clandestinas. Entre eles um comissionado a 5 % se encarregava de colocar a produção das oficinas e recolher pedidos. As oficinas almejavam ganhar 100% sobre o valor da produção e os vendedores atacadistas 20% do preço de venda.

A concorrência entre firmas impulsionou uma resposta própria do grupo de coreanos no Brasil: a economia e a simplificação que se mantém até hoje. O critério de economia ainda é visível em todas as lojas. Decoração e móveis simplificados ao máximo até chegar a ausência de anúncios e vitrines. Quando há ofertas, estão anotadas em um simples papel pendurado numa caixa. Na produção o ajuste de custos se consegue pelo investimento mínimo em infra-estrutura o controle máximo do salário, além do atraso tecnológico. Para assegurar o sucesso e reduzir o risco de prejuízo a produção combina duas medidas. A primeira é o controle dos estoques, produzindo em pequenas quantidades, normalmente em lotes de 400 a 1500 peças, com os mais ousados chegando a 7000. A segunda é o crédito, pagando as oficinas fornecedoras somente após a venda ou a devolução das peças não vendidas. Quando um modelo é posto no mercado se submete instantaneamente ao teste de sucesso. Se começa a vender bem se solicita novos estoques. O que não se vende entre 30 e 60 dias, se devolve à oficina.

O domínio dos coreanos sobre as confecções em São Paulo e o ingresso de milhares de bolivianos ilegais foi simultâneo, movidos pelo mercado dinâmico no Brasil e a crítica situação na Bolívia. Os milhares de alfaiates coreanos clandestinos que alcançaram a legalidade como efeito da anistia de 1982, encontraram nos bolivianos - que morriam de fome - um substituto barato para seus postos de trabalho para se manterem e crescer no competitivo e voraz mercado de São Paulo.

Os bolivianos tem raízes próprias na confecção. Em meados de 80, se instalaram nos arredores de La Paz e El Alto na Bolívia. Produziam para os mercados fronteiriços imitações de roupa americana apropriada para o frio. Empregavam uma população flutuante acostuada desde os tempos coloniais a irem de um lado para outro em busca de sustento. A roupa entrava de contrabando para o Peru pelo

posto de controle fronteiriço de Desaguadero. Os moradores dos povoados fronteiriços peruanos de Ollaraya, Unicachi e Tinicachi ganharam fortunas contrabandeando jeans e jaquetas bolivianas até que aprenderam a confeccioná-las em suas próprias oficinas em Lima.

Outros fabricavam toscos vestidos muito solicitados nos Andes por seu baixo preço. Ao longo da década de 80, era constante a falência das oficinas e as instalações de novas com máquinas mais sofisticadas e capazes de produzir detalhes e costura inovadora. Esta via de modernização contribuiu para a derrocada das oficinas incapazes de competir com a confecção moderna. Primeiro foram os costureiros, depois os donos das oficinas que trasladavam suas máquinas ou vendiam todos os seus pertences para ingressar no mundo das confecções em São Paulo.

Habitados a ir de um lado para o outro, a viver em túneis e ver o mundo e a luz do dia umas poucas horas por semana, os bolivianos se acomodaram a viver nas oficinas de costura dos coreanos em condições semelhantes ou piores que a vida nas minas.

Famílias inteiras em condição ilegal aceitaram viver e trabalhar num mesmo ambiente em condições parecidas com a de escravos. Trabalhando direto 16 horas por dia, repetiram até nos detalhes a vida levada por seus patrões quando eles eram os clandestinos. Não menos do que 150 mil bolivianos trabalham nessas condições nas oficinas dos coreanos, tentando alcançar um salário que é erodido por um sistema de vales que não se sabe quando serão cancelados.

Os primeiros costureiros cultivaram esperanças. Voltar e montar uma oficina de costura na Bolívia ou no Brasil para fazer o mesmo que os coreanos. A nova anistia de 1998 abriu as janelas da esperança. Antes de agir por denúncias da imprensa, os coreanos acabaram cedendo a confecção aos novos alfaiates e costureiras da Bolívia por uma razão não apenas simples mas acachapante. Transferir o risco vertical aos bolivianos, absorvendo seu trabalho e livrando-se do temor de uma possível multa quando descobertos pelas autoridades. Os ateliês de costura dos coreanos continuam em operação nas mesmas condições, só que agora com o escudo dos bolivianos.

Donos de uma carteira de identidade e com experiência acumulada, os bolivianos ingressaram rapidamente na alfaiataria depois da anistia que legalizava sua permanência no Brasil. Podiam alugar

diretamente uma casa, abrir uma conta bancária e valerem-se da facilidade com que se obtém crédito em São Paulo para comprar na multiplicidade de oficinas de reparo, maquinaria de segunda mão a preços imperdíveis.

Uma máquina de costura industrial de fabricação chinesa, a mais barata, pode ser comprada por US\$ 190. Uma Juki, japonesa, por US\$ 270 e uma americana a US\$ 325. As pequenas máquinas de costura overlock são mais caras. As mais baratas andam a partir de US\$ 650. Com não mais do que US\$ 900 se pode montar uma oficina rentável para costura simples. Máquinas mais especializadas para trabalhos específicos custam muito mais, nem tanto por sua complexidade. A maioria das lojas de máquinas são de propriedade de brasileiros que tem conduzido essa atividade por anos a fio sem maiores sobressaltos servindo primeiro aos coreanos e agora aos bolivianos. Muitas máquinas são hoje em dia montadas em Manaus e chegam a preços mais baixos do que antes. Em realidade são máquinas tecnologicamente atrasadas.

A inexperiência naturalmente tem seus custos. Os resultados dos seus sonhos se repartem em partes iguais. Uma delas é composta por aqueles que puderam se virar em um mundo novo, suportando quedas e angústias. Conseguiram adquirir uma casa e dirigem seus próprios veículos. Educam seus filhos do melhor modo possível. Se bem que se mantém num espaço bastante fechado, vão conseguindo uma integração aceitável. Manejam algumas dezenas de comércios. E para seus filhos a Bolívia é um lugar remoto. Um segundo grupo são os especialistas que alcançaram o domínio de alguma etapa da indústria, mas fracassaram com outros sonhadores em seu intento de dirigirem uma oficina.

Rosa Elvira é um mulher entrada em anos. Fala

melhor português que espanhol, porque o sotaque aymara tem sons fechados e sibilantes próximos aos do português. Vende aparatos eletrônicos e cópias piratas de software em CD na rua Santa Ifigênia. “Vim fazer 20 anos com toda minha família,” disse. “Tinha uma oficina de costura em minha casa no bairro de Sopocachi em La Paz. Eu sou pazeña de terceira geração. Não se vendia nada na Bolívia. Tínhamos de levar nos mesmos a roupa até a fronteira mas já estavam costurando do outro lado. Vivia com toda minha família na própria oficina. Nós tivemos que vir.

Puro vale. Os coreanos não pagam nada. Puro vale, que nunca se podia quitar. Fizemos de tudo. Andei vendendo comida. O rendimento não dava e tinha gente que desaparecia ou mudava de oficina. Também vendemos “cachorrinhos” (cachorro-quente). Fizemos de tudo. Agora minha filha tem uma ateliê de costura. Eu nunca consegui. Tinha que correr de um lado para outro buscando costura, cozinhando para o pessoal. Tinha que pagar cinco coisas. Aluguel, luz, água, comida e salários. Não dava. Tanto trabalho e não dava. Os coreanos pagam centavos por uma peça costurada. Centavos senhor. Agora estou melhor na rua.”

Os compradores que freqüentam a rua Santa Ifigênia buscam coisas específicas.

Cópias específicas de software, peças de hardware, plugs, adaptadores. Quando não os tem anota-se o pedido numa caderneta. Sabem que voltarão porque os vendedores de rua são os mais efetivos massificadores de qualquer produto, tanto da lá dos Andes como da última tecnologia. Os grandes fabricantes sabem bem disso.

Outros bolivianos trabalham como modelistas e cortadores. “Prefiro trabalhar para os brasileiros,” explica Samuel Condo, modelista da Street Fashion na rua Arcoverde.

“Pagam melhor e trabalha-se quando se quer. Detesto os coreanos. São muito abusivos. Quando você inventa um modelo exclusivo nem o reconhecem. Sempre querem mais. Dos bolivianos melhor nem falarmos; somos como cachorros comendo a carne de outro cachorro. Os piores são os que trabalham como capatazes dos coreanos. Como falam sua língua acabam te enfiando um cabresto.” Antigos ou recentes. Difícil saber qual é a origem e a razão dos novos coreanos na indústria da confecção.

Alguns bolivianos mais jovens são a vergonha dos mais idosos e a preocupação de seus pais que os mantém em São Paulo. Aqueles que chegaram como



crianças se identificaram com os modos e hábitos das classes baixas de São Paulo. Seguros de serem cidadãos legais, não lhes interessa continuar com a atividade de seus pais. Um cansaço de gerações parece lhes haver transmitido um sentimento de derrota. Não tem outro horizonte que o viver de cada dia. A sociedade brasileira é uma superfície enorme na qual eles se perdem.

Os Domingos na Praça Parí

A partir das 5 da tarde de cada domingo, a pequena e triangular Praça de Santo Antônio, no velho distrito industrial do bairro do Pari, ressoa um som metálico de música andina proveniente da área de concreto irregular que permanecerá vazia até o anoitecer. Ao cair da noite, forma-se um ambiente de mistério e cumplicidade entre os presentes. Eles parecem sentir uma sensação passageira de liberdade ante a escravidão de seus outros dias da semana.

As noites de domingo naquela praça é um festival de liberdade e empreendimento. De um lado, uma confusão de estacas de ferro soldadas e enterradas no pavimento formam um playground para crianças de todas as idades que, tal qual seus pais, cerceadas de espaço e liberdade, confinadas durante a semana nas transpirantes oficinas de costura dos coreanos. Bolivianos mais velhos trazem com seus velhos carros sacos de grãos e tubérculos andinos como chuño, quinua, ollucos, ocas, trigo seco, queijo serrano e charque - tudo trazido da Bolívia para ser vendido naqueles quiosques improvisados na calçada. Outros se aglomeram ao redor

de mesinhas dobradiças onde jovens mascates montam estéreos portáteis para vender cassetes e CD's de música andina nativa e reproduções piratas de bandas populares internacionais.

Na parte interna da praça pastores evangélicos dinamitam suas mensagens através de microfones e caixas de som estrondosas, apoiados por uma banda de rock gospel que fazem os seguidores entoarem cânticos com muita fé. Do lado de fora da cerca, fabricantes coreanos e seus recrutadores bolivianos discutem condições e salário

com trabalhadores interessados nos toscos anúncios de "Precisa-se" escritos em pedaços de papelão.

Silenciosamente como chegaram, os velhos se vão. Apenas se cumprimentam uns aos outros. Difícil de saber se entre as dezenas de milhares de bolivianos se se conheceram alguma vez ou se simplesmente atuam como milhares de jovens dando voltas sem sentido ao redor da praça. Caminham como zumbis. Olham-se de esguelha em busca de um rosto conhecido. Um gesto, algum vizinho da Bolívia. Se se encontram, não se falam. Apenas se olham ou se desviam. Não querem que o outro lhes recorde que estão na mesma situação. É preciso apresentá-los de novo para que possam tocar saudações como dois estranhos que começam a se conhecer num grande cenário social.

Entre os veículos estacionados, olhos ansiosos ficam atentos ao deslocamento das correntes de zumbis, entre eles dois jovens Walker e Rúbens, em mangas de camisa, permanecem tremendo de frio com os olhos cravados no tumulto. Cruzam a calçada rapidamente para alcançar um conhecido, apenas estendem as mãos. Nada para dizer. Somente um imenso sorriso e depois fitam o chão. A vestimenta dos recém chegados diz tudo: acabam fugir uma oficina de costura.

"Chegamos juntos", conta Walker. "Estávamos trabalhando por seis meses sem pagamentos com o boliviano que nos trouxe. Só depois de brigarmos muito conseguimos que ele nos pagasse 10 reais a cada um." Rúbem acrescenta "Subimos num taxi. Não sabíamos bem onde estávamos e só dissemos ao taxista para seguir para o Largo do Pari. O taxista pareceu ter compreendido a nossa situação."

Rúbem e Walker, dois companheiros de colégio na cidade de El Alto tinham fracassado no exame de ingresso na Universidade de La Paz. Decidiram responder a um anúncio de uma rádio boliviana oferecendo trabalho em São Paulo com todos os gastos de transporte, casa, comida pagos e mais um bom salário. "Viemos seis," recorda Rúbem. "Tivemos que esperar na fronteira até que fosse noite para embarcarmos. O ônibus estava cheio de bolivianos.

Chegando em São Paulo, o homem nos repartiu entre as diversas oficinas



que já estavam esperando. Ficou somente conosco.”. Walker exclama com raiva e desprezo: “Sempre nos dizia, que lhe devíamos dinheiro. Fizemos costura em calças, camisas, de tudo. O homem pedia mais e mais produção. Gritava que não era suficiente, que devíamos produzir mais para poder ganhar. Na oficina havia outros 6 costureiros também bolivianos. Nunca nos disseram nada e não quiseram ajudar. Eles podiam sair aos domingos”. “Eles fugiram”, corta outro boliviano e os conduziu a uma esquina pouco iluminada onde estão pedaços de cartolina pendurados sobre os quais alguém garranchou ofertas de trabalho. Leva diretamente a um coreano que estende folhas arrancadas de uma caderneta sobre as quais já estão escritas a mão o endereço e o telefone de sua oficina.

“O coreano não fala castelhano”, explica aos jovens um boliviano bastante velho a serviço do coreano. “É preciso ir à oficina para tratar das condições.”

Há outras mãos estendendo folhas entre elas a de duas mulheres coreanas muito bem vestidas; há também um brasileiro. Os dois amigos recebem as folhas e seus rostos se iluminam. Mas não pararam de tremer de frio. Devem ter 20 anos, apenas alcançam 1,60m e viviam no bairro de El Alto em La Paz. Nunca puderam se comunicar com seus pais. Walker tem no bolso da calça um maço de cartas para colocar no correio. O conhecido é um vizinho com quem nunca falaram na Bolívia, só se viam todas as manhãs no ponto de ônibus. Deviam ser estudantes universitários. O homem sem nome os conduziu ao outro extremo da praça onde um grupo dialoga em voz baixa, brincam. Outros se acotovela para observar em silêncio deleite o passo de alguma moça boliviana. A escrutam abertamente, e sentem o cheiro dela à distancia. Saboreiam seus gestos quando passa.

Durante horas, até à madrugada a música mantém um ambiente de festa popular de estranho silêncio sem data em nenhum calendário. Em outra esquina se vende por 3 reais fotografias de torneios desportivos e encontros sociais exibidas em grossos álbuns. Até às 8 da noite, a praça está em seu top de atividade.

Rúbem reconhece uma moça sua vizinha. Ela passa, olha como se não o conhecesse e segue seu caminho. Onze da noite. A multidão começa a rarear. As sombras dos coreanos na esquina formam uma presença mais pronunciada. “Vão com aquele lá”. Aponta o boliviano conhecido. “É melhor um coreano jovem, os velhos são embrulhões”.

Um grupo de jovens seguem um coreano que vai para um carro estacionado por perto e os dois amigos também se aproximam. Um carro da polícia que permanecera parado com seus sinalizadores ligados e parte. Cumprimentos típicos se repicam: “boa-noite, amigo”, “tchau”, “até o próximo domingo”. Então, aqueles grupos humanos passam a adentrarem-se nas ruas sem vida. É o fim da noite desses seres que saem a ventilar seus corpos nas noites de domingo desde as entranhas do conglomerado da indústria de confecção liderada pelos coreanos nos bairros do Bom Retiro, do Pari e Brás, na ferradura comercial do centro velho de São Paulo.

Muito pouco tem mudado nessa área sucessivamente habitada por italianos, judeus e coreanos nos últimos 80 anos. Não há muito a ser visto por ali. São sempre casas velhas cobertas de mofo e manchas negras de musgo morto. Portas e mais portas de velhas fachadas de lojas e armazéns abrangem uma monotonia cinzenta.

As aparências podem ser fatais numa zona onde o valor imobiliário alcança preços espantosos se você não dispõe de capital para respaldar sua aparência (?). Discrição e confusa simplicidade em ruas cheias de lojas que abastecem centenas de ônibus estacionados próximos, além dos inumeráveis hotéis hospedando grupos de pessoas proveniente do interior do país e do exterior, esperando pelo fim da tarde para dispersarem-se pelas veias que cortam o Brasil com cargas enormes das mercadorias adquiridas de manhã junto aos atacadistas da 25 de Março e adjacências.

Os coreanos dizem que controlam 60% da produção de vestuário de São Paulo, quase sempre utilizando mão-de-obra de bolivianos, em não menos que 30 mil confecções concentradas na ferradura do Centro de São Paulo e, quem sabe, em quantos outros bairros distantes dali. A massa de costureiros ultrapassa 150 mil. A roupa adquirida pela massa de paulistanos, em geral de pouca qualidade, é o resultado da costura de grupos racial e culturalmente distantes: coreanos e um número crescente de bolivianos.

Trabalhando Como Chineses

Bolivianos que conseguiram tornar-se donos de confecções aprenderam de forma mais refinada a eliminar custos de produção que seus velhos patrões coreanos. “Trabalhe como chinês” é o lema deles. Através de agentes em La Paz e outras cidades eles recrutam os bolivianos jovens para trabalhar no Brasil. Vir para o Brasil para trabalhar como costureiro tornou-se idéia comum na Bolívia.

Anúncios nas estações de rádio pintam atrativos insuperáveis os potenciais aventureiros – os mais jovens. Três refeições por dia e alojamentos por conta do empregador, além de um salário dez vezes maior que o salário mínimo boliviano para quem vier trabalhar na indústria de vestuário em São Paulo. Nenhuma experiência é exigida.

A rota mais comum dessa migração é a da cidade de Santa Cruz de la Sierra, numa extremidade oriental da Bolívia chamada Chaco. Lá pegam o trem para a longa e quente viagem para Puerto Suárez, na fronteira com o Brasil. Em Corumbá, no lado brasileiro, os que possuem passaporte pedem um visto de entrada de um mês. Os que não têm esperam para a noite quando se misturam entre o tropel de comerciantes e contrabandistas que chegam em ônibus repletos de mercadorias para serem levadas até São Paulo – sem grandes contratempos com as autoridades nos diversos postos de parada. Alguns chegam no gigantesco terminal rodoviário do Tietê. Outros descem em localidades do interior onde também existem pequenas indústrias tocadas por mãos bolivianas. Cada patrão traz seus aprendizes, alguns por seus recrutadores. O truque é os assustar por estarem na condição de trabalhadores ilegais. Mesmo quando têm um passaporte timbrado, nunca podem retornar à fronteira para renovar o visto. Como os coreanos fizeram com eles próprios, os novos proprietários bolivianos das confecções informais trabalham à sombra das leis e usando o trabalho escravo.

Os novos migrantes novos têm menos medo que seus predecessores. Eles sabem o que os espera, mas continuam vindo. Os patrões bolivianos aprenderam com seus ex-chefes coreanos a trabalhar com as janelas fechadas e mantém o volume do rádio alto para esconder o ruído das máquinas. Eles proíbem que os costureiros cheguem na rua sequer para comprar um doce. A isca para isso são salários mais altos em troca de jornadas de extenuantes de segunda-feira a sábado, das 8 da manhã à meia-noite, quando o corpo já não agüenta nada mais.

A proliferação das confecções bolivianas abaixou o valor dos bens. Procuram pequenas encomendas de coreanos. Os coreanos pagam aos bolivianos somente um real para coser uma calça. Os bolivianos por sua vez pagam aos seus costureiros 25 centavos. Uma camiseta rende 30 centavos. “É lucro líquido”, diz Sabino Huaman, chefe de uma confecção. “Eles chegam ignorantes, costumam mal e não têm nenhuma idéia do quanto custa administrar uma confecção. Eles são incapazes sequer de montar

um sindicato. A quem vão reclamar?

A enfermidade mais comum causada por este trabalho é a perda gradual da visão. Os trabalhadores também sofrem de insuficiência respiratória devido ao pó das roupas, severas dores nas pernas e problemas de circulação, reumatismo causados pela falta de movimento, pelas terríveis condições de trabalho e alcoolismo. Quando um boliviano fica doente, tem que se custear ou seguir para um hospital público.

Ao menor risco de uma blitz policial, a confecção é mudada de lugar. Para separar trabalhadores novatos dos mais velhos e para evitar os fiscais de imposto, as confecções tem sido transferidas para zonas mais distantes do centro da capital como o município de Guarulhos e o bairro de Guaianazes. Uma prática corrente é ficar menos tempo no mesmo lugar. Dominar as técnicas de costura é uma obsessão para os costureiros porque lhes permite mudar trabalho depressa e ter dinheiro para se embriagar em cerveja em vez de chicha, mais barato(?) no Brasil que na Bolívia.

O Opaco Adorno Coreano-Boliviano

A procura por oportunidades e lucro máximo gerou nos coreanos hábitos que dificultam sua entrada em outros mercados. Os que prosperaram mudam-se do Bom Retiro para bairros como Higienópolis, seguindo mais uma vez seus predecessores judeus no Bom Retiro.

Os coreanos contavam com um sistema peculiar de financiamento de seus negócios desde que chegaram no Brasil – o consórcio. Os recursos entre os consorciados pode ser obtido por sorteio ou leilão (lance). Há consórcios para quaisquer somas de dinheiro. Isso prova que a capacidade organizacional desses velhos militares do exército fizeram do consórcio uma ferramenta eficiente. Um ambicioso plano de reunir companhias em um consórcio para lançar produtos no mercado mundial ganhou apoio da agência de promoção à exportação do Brasil (Camex), com um subsídio estatal de três anos baseado no sucesso de uma companhia que vendeu US\$300,000 em produtos para o Chile. Assim nasceu a marca brasileira “Tropical Spice”.

A primeira experiência de vendas dos coreanos em Las Vegas, em fevereiro de 2000, foi um passo rumo ao desconhecido. Esmagou suas pretensões de atuarem como jogadores importantes no mundo dos artigos de vestuário internacional. Esse comércio exige volumes de produção inalcançáveis por eles. Levaram um catálogo com 150 amostras. Ficaram

chocados quando receberam as primeiras ordens de produção de 50.000 a 70.000 peças para serem entregues em 30 dias. Isto seria impossível dado seu sistema de produção em geral em indústrias mal equipadas, na maioria agora nas mãos de bolivianos que acionam maquinários dignos de museu. Voltaram com os rabos entre as pernas. Em seu mercado de sobrevivência eles nunca haviam se deparado com quantidades tão volumosas. Os fabricantes coreanos e bolivianos de São Paulo não têm as máquinas para produzir roupas com qualidade nem como os fabricantes mais avançados da Bolívia.(?)

Afogados em estoques de roupas não vendidas e se utilizando do mesmo catálogo de Las Vegas pela

a chave para alcançar a união. Rapidamente, mas ainda pouco perceptível, um hotel do centro de São Paulo vai sendo tomado por comerciantes bolivianos provenientes de El Alto com contrabando de produtos bolivianos que atravessaram a fronteira com o Peru.

Um mundo novo e aberto reconhece menos barreiras políticas e naturais. Produtos brasileiros chegam ao Peru. Imigrantes peruanos e bolivianos chegam ao Brasil. Os governos acabam por legalizar situações de fato. Formas novas de comunicação e negócio são criados. A Internet e o transporte aéreo barato promovem facilitam a informação e o transporte. Há agora um mercado internacional



Internet, os coreanos se lançaram a um mercado bem mais pequeno que é o Mercosul, como a Argentina, Uruguai e Paraguai, além do Chile, todavia ainda sem darem grande importância à qualidade do que produziam. O governo brasileiro no entanto segue apoiando o setor através de crédito para compra de maquinário mais moderno. Os bolivianos, por sua vez, ainda estão muito longe de poder superar suas limitações para participar em projetos semelhantes. Eles não agem em conjunto. Entre si não conseguem se organizar tal como fazem seus conterrâneos que se articulam até mesmo entre cegos vendedores de ficha telefônica nas ruas. No Brasil eles não acharam

enorme de artigos de vestuário usados dos países ricos para os pobres. São trazidos carros japoneses usados para o Peru. Comerciantes paquistaneses em Tacna, na fronteira do Peru com o Chile, venderam um milhão desses carros nos últimos cinco anos. As barreiras nacionais são agora mais porosas. A riqueza acaba sendo distribuída por meios próprios. Este é o significado mais importante de globalização.

Tradução: cortesia da Tecnowledge Inc.

2. Bom Retiro dos Imigrantes

Bernardo Ricupero

*“O maggiore distritto de Zan Baolo
O maise bello e ch'io maise dimiro
É o Bó Retiro” (Juó Bananére)*

Juó Bananére nunca existiu. Mesmo assim, escreveu um dos mais ricos e reveladores retratos da São Paulo do início do século que se conhece: *La Divina Incrénca*. A cidade era então primordialmente italiana. Nada mais natural, portanto, que um conterrâneo de Dante descesse ao inferno da jovem metrópole e narrasse, num misto de italiano e português, as aventuras que pululavam pelas ruas da Paulicéia.

Nessas aventuras, o bairro do Bom Retiro tem um papel central. O que também não é de se estranhar. Afinal, desde a construção da São Paulo Railway, inaugurada em 1867, o bairro, devido a sua proximidade com as estações ferroviárias, se tornara um ponto efervescente para armazéns, que guardavam as mercadorias trazidas pela famigerada “inglesa”. Não tardou que surgisse uma indústria que transformasse essas mercadorias, marcando definitivamente, com fisionomia operária, o Bom Retiro. Alexandre Ribeiro Marcondes Machado, o verdadeiro autor de *La Divina Incrénca*, estava situado de maneira privilegiada para descrever o que ocorria no bairro e na cidade. Apesar de ostentar um sobrenome inconfundivelmente brasileiro, fora aluno da Escola Politécnica, localizada na rua Três Rios, lá no Bom Retiro. Pôde provavelmente, assim, presenciar, em primeira mão, muito do que depois narrou.

O Bom Retiro de Juó Bananére pouco tinha a ver com o bairro original. Apesar de apenas 1.600 metros o separarem da região central da Sé, tinha sido até a construção da estrada de ferro uma aprazível região de chácaras, procuradas, durante os finais-de-semana, como refúgio pelas mais abastadas famílias de São Paulo. Uma delas se chamava justamente Bom Retiro.

A segunda leva importante de imigrantes modifica, mais uma vez, a cara do bairro. Se os italianos que tinham se instalado, desde 1880, nas proximidades das estações ferroviárias eram em geral operários, os judeus que passam a chegar a partir de 1900, são principalmente comerciantes.

Substituem os sírio-libaneses, que como mascates, comerciantes ambulantes, percorriam o Brasil, oferecendo uma ampla gama de mercadorias para a população de baixa renda. A imigração mais antiga dos assim chamados mascates turcos, já que eram naturais de países então pertencentes ao império otomano, com o tempo passara a se fixar em alguns pontos de comércio e indústria ligeira.

De qualquer forma, tanto uns como outros, ofereciam muito mais opções de consumo para os trabalhadores das fazendas do que as anteriormente existentes com os “barracões”, controlados pelos proprietários rurais. Boa parte das grandes redes de magazine, que ainda vendem a prazo, tem sua origem nesse tipo de comércio.

Porém, um ponto, em especial, diferencia os judeus dos sírios e libaneses. Os últimos são em número muito maior do que os primeiros, cerca de dez vezes mais, o que possibilitou que se dispersassem pelo país. Os pouco numerosos judeus, em compensação, que hoje são cerca de 150 mil em todo país, se quiserem manter sua identidade precisam se concentrar em áreas específicas, tendo escolhido principalmente os grandes centros urbanos para tanto.

Na capital do estado de São Paulo, onde se encontra quase a metade dos judeus brasileiros, se instalam, de início, principalmente no bairro do Bom Retiro. Lá se especializarão no comércio e na indústria ligeira de confecção de roupas feitas. A rua José Paulino, passagem única da Estação da Luz para o Bom Retiro, tinha e ainda tem papel central nessas atividades.

As palavras de Hilário Dertônio servem para descrevê-la ontem como hoje:

“Muitas velhas casas da rua foram derrubadas e no lugar se construíam grandes galerias, com centenas de lojas em cada uma, principalmente de artigos de vestuário, muitas delas tendo, nos fundos, suas próprias oficinas de costura ou fábricas de malhas, gravatas, e quejandas mercadorias. Sobrou pouco espaço para o restante do comércio: há duas ou três farmácias, panificadoras, agências bancárias, casas de lanches, leiterias, repartições públicas, construtoras, administradoras, casas de móveis, transportadoras, apenas o suficiente para que a rua possa viver. O restante são lojas, lojas, lojas, onde todos os seis milhões de paulistanos poderiam se abastecer”.

Dos judeus que substituíram os italianos como população majoritária do bairro, aos coreanos, bolivianos e peruanos que não param de afluir, pouco parece ter mudado no Bom Retiro. É verdade que as enormes diferenças culturais dão a impressão da existência de uma quase arqueologia urbana no bairro, que deixa sobreposta, em camadas pelas ruas, a contribuição de cada povo.

Por outro lado, leva atrás de leva de imigrantes veio a exercer atividades econômicas similares, fazendo uso de expedientes também parecidos para produzir e comerciar. Especializaram-se na venda de roupas baratas produzidas em precárias confecções, onde na falta de capital, o trabalho é

intensivo. Souberam se beneficiar da proximidade com as estações ferroviárias, ponto para e de onde afluem as mercadorias demandadas pelas camadas mais pobres da megalópole paulista.

Assim, com engenho, e de forma muitas vezes brutal, vão superando suas limitações. No final, mudam-se do bairro decadente, como fazem atualmente os judeus e os coreanos, e antes deles os italianos, para que ai só fiquem os mais pobres, hoje de rostos andinos, submetidos a um regime de trabalho próximo da escravidão.

É quase certo, portanto, que bolivianos e peruanos não nutrirão desejos como os de Juó Banararé:

***“Ai chi mi dera
Chi o meu úrtimo sospiro
Fosse lá nu Bó Ritiro,
I o meu tumbolo també”.***

